

## **CORPO, GOZO E PSICOSE INFANTIL, OU DA NÃO INSCRIÇÃO DE SIGNIFICANTES PRIMORDIAIS.**

Cristina Leles Silva – UFU

O campo humano é um campo que nos interroga sempre. “Como nos tornamos humanos?” É uma questão que atravessa tempos e vários são os tempos para que deixemos de ser pura carne - ser biológico - para nos reconhecermos como sujeito de desejo. Pelo menos, essa é uma das formulações da psicanálise que pretendemos apresentar nesse trabalho. No entanto, a passagem de um organismo a um corpo falante não pode ser simplificada em fórmulas, nem tão pouco, entendida como um caminho previamente dado que deva ser seguido. Há que se sofrer para crescer e cada esboço de ser que surge no mundo terá que enfrentar dragões particulares para articular minimamente seu corpo, os significantes e as imagens que o cerca. Articulação essa que será sempre desfeita e refeita.

Aqui, pretendemos discutir esses caminhos e descaminhos que o sujeito terá que percorrer. Pensaremos nisto a partir de um fragmento da história de Alice, uma pequena menina que encontra sérios impasses para crescer. Aliás, este nome fictício foi escolhido por essa história nos remeter à história de Carrol, Alice no País das Maravilhas, cuja personagem principal vive estranhas aventuras, conhece diferentes seres e vê seu corpo crescer e encolher desmesuradamente. Dividiremos a história de Alice em dois momentos, que se referem aos nossos encontros com essa menina.

### **1) O encontro.**

Alice era menina com uma história de vida aparentemente normal até que seu pai é preso e ela, a mãe e a irmã se mudam para a casa da avó paterna. Nesse momento, Alice com 6 anos de idade passa a apresentar violentas crises de auto-agressividade, gritos intensos e pára de andar. A mãe relata que Alice, antes de estar assim, brincava, estudava e gostava de festas. No momento em que a encontramos, Alice grita o tempo todo, chamando pela mãe, e pede que a amaremos ou seguramos seu corpo com toda força possível.

Durante algum tempo, só poderemos segurá-la como ela pede, já que nenhuma intervenção feita pela palavra tem qualquer efeito. Mais tarde, torna-se possível montar uma cena na qual um fantoche faz espelho de Alice imitando seus gritos, socos e mordidas. Alice consegue se acalmar um pouco, mas permanece gritando o tempo todo pedindo que a mãe não a abandone nunca. Os encontros com Alice, neste momento, nos remetem a um vazio, ou seja, apesar dos gritos intensos não conseguimos “ouvir” Alice, suas palavras são ocas de sentido e seu corpo se arreventa, descompondo-se numa impossibilidade de se manter de pé.

Num dos momentos que estamos com Alice, ela nos pede que lhe contemos uma história de um filme que gosta muito. Começamos a narrativa e ela nos acompanha atenta, até que chega uma parte da história em que o “rei” morre. Ao lhe narrarmos esta parte, Alice se joga violentamente no chão, batendo sua cabeça e se debatendo toda. Seu corpo é inundado por uma intensidade “sem nome”, o significante “morre” não pode ser articulado num mito ou numa história. Alice implode enquanto seu corpo explode<sup>1</sup>.

Aos poucos, as crises de Alice amenizam-se e ela volta a andar, consegue brincar e ir à escola. No entanto, ainda não pode ficar longe da mãe. Assim se encontra Alice quando nos afastamos dela e de sua mãe.

### **2) O reencontro**

Depois de algum tempo, reencontramos Alice fazendo-nos algumas questões. Ela nos chega e pede que a ajudemos a fazer um acordo com a mãe. Diz que viu um quarto de uma “menininha” e que gostaria de ter um quarto igual. A mãe nos conta que Alice só fala disso e que há alguns anos atrás Alice tinha visto um quarto de um menino e insistido que queria igual. A mãe fala então que como era quarto de menino pintou as paredes do quarto de Alice de duas cores: rosa e azul, metade menino e metade menina, e que agora Alice

<sup>1</sup> Esta frase é uma referência ao trecho: “A falta de eficácia do significante deixa o sujeito à mercê da fragmentação corporal. O corpo explode enquanto o sujeito implode” (Jerusalinsky, 2007, p.67).

insiste o dia todo que quer mudar o quarto. Nesse momento, ajudamos Alice a sustentar uma possível mudança de posição: “agora ela quer um de menininha”.

Aqui Alice encontra-se num momento um pouco diferente, pedindo-nos que a ajudemos a estabelecer acordos com a mãe, ou seja, entendemos que Alice nos pede que mediemos sua relação com a mãe que pouco consegue sustentar sua palavra. Nesse momento, as crises de auto-agressividade quase não aparecem mais e Alice esboça uma possibilidade de se afastar da mãe.

Alice vai seguindo, portanto, um caminho que aponta para a possibilidade de se reconhecer como sujeito, com tropeços significativos (ou significantes) que colocam seu corpo à mercê de um gozo desmedido, ou de um gozo sem mediação, sem palavra, na expressão de Braunstein (2007), um gozo *hors-langage*, fora da palavra, gozo do corpo.

### 3) Corpo, gozo e sujeito

Para pensarmos a articulação entre corpo, gozo e sujeito recorreremos à formulação lacaniana da constituição do sujeito como efeito da linguagem. Nessa construção, o infans se insere num mundo de linguagem que lhe preexiste e que lhe interpela, lhe crava na carne-corpo um furo – já que a linguagem é estruturalmente insuficiente –, um buraco ao redor do qual giram as pulsões.

Nas palavras de Braunstein (2007):

“Todo sujeito está e é chamado a ser. Esta convocação não poderia proceder desde dentro, desde alguma força interior que insistiria nele ou nela, de uma necessidade biológica que o impulsionaria a se desenvolver. A invocação é subjetivante, faz sujeito. A ele se pede que fale, assumindo o nome que o Outro lhe deu. Tem de falar, dizer quem é, identificar-se. O Outro requer sua palavra: se a linguagem mata a coisa ao substituí-la, tornando-a ausente, a palavra deve reapresentá-la, ordenando necessariamente o reconhecimento desse Outro da linguagem, aquele que confere a vida separando-se dela, mortificando” (p.55).

Para existir como sujeito de desejo, o infans terá que encontrar esse Outro, encarnado pela mãe, que reordenará seu corpo numa ordem simbólica e imaginária. No entanto, esse encontro nunca será absoluto, algo sempre escapará entre um organismo e a cultura, algo não poderá jamais se inscrever. Haverá sempre algo no corpo que não será simbolizado (Bernardino, 2006, p. 28).

Embora pareça paradoxal, esse desencontro estrutural abre a possibilidade da existência do sujeito, poderíamos afirmar que o que nos faz sujeito do próprio desejo é o encontro com o desencontro do Outro, ou melhor, encontro com a falta cravada no Outro pela Lei que interdita o gozo. Nas palavras de Braunstein (2007): “A condição da enunciação é que não falte a falta, que a castração simbólica tenha se efetuado, que tenha existido o corte que faz do sujeito um súdito da Lei” (p.91). Para o autor, essa interdição terá como saldo a instauração do Falo, significante da falta, significante zero. A esse significante inarticulável, de acordo com Braunstein (2007), responderá outro significante:

“... que se constitui em eixo de articulação da palavra falada, que é o significante que estruturalmente realiza a castração, ou seja, a separação em relação ao desejo da Mãe: é o nome-do-Pai. Um significante, este sim, articulável, que funciona como um (S1) como lugar inevitável para o enganche de um segundo significante (S2) que é o modo de escrever todo o conjunto de significantes que apenas alcançam significação à medida que se articulam com o S1 primordial, o nome-do-Pai” (p. 92).

Dessa forma, o Falo enquanto significante da falta seria equivalente ao nome-do-Pai, mas com uma diferença que é o fato do Falo ser um significante zero e o nome-do-Pai sua metáfora, “... o significante um que vem no seu lugar” (Braunstein, 2007, p.93). A condição da existência do sujeito da enunciação depende portanto da instauração da metáfora paterna ou, noutros termos, da inscrição significativa da operação da castração.

No entanto, essa operação não ocorre num momento único e definitivo sendo necessário vários tempos para sua inscrição. Esses tempos de constituição do sujeito serão percorridos durante toda a infância, tempo mítico da constituição do sujeito do desejo. Nesse sentido, Petri (2008) propõe a escansão da infância em três tempos referenciados pela castração e pela experiência de gozo: “... um tempo preparatório, anterior ao Édipo; o atravessamento edípico propriamente dito, implicando a operação da castração; e um pós-édipo, tomado pela tentativa do sujeito de compreender o que se passou” (p. 65). Em relação ao gozo, a autora propõe que “... antes da castração, a criança está às voltas com o gozo do Outro; a partir de sua incidência,

alcança o gozo fálico possibilitado pela linguagem; e na latência tem-se como alternativa o gozo do sentido” (p.65). Seguiremos a proposta dessa autora, percorrendo esses tempos.

No primeiro tempo, a “criança pequena” faz-se objeto de gozo do Outro materno, ou seja, o corpo do infans sutura a falta materna. No entanto, se esse Outro estiver atravessado pela castração, a criança começará a vivenciar a dialética ausência-presença, primeira irrupção do real, trauma que levará a criança a se identificar imaginariamente com o falo. Nas palavras de Petri:

“A criança, devido a sua dependência dos objetos que a mãe oferece ou não, passa então a se fazer falo da mãe, na tentativa de resolver o impasse que se impõe, obturando assim essa primeira brecha através da qual o real é vislumbrado. A criança presta-se ao jogo do engodo por uma questão de sobrevivência: identificando-se ao falo, reconstitui o Outro, mantendo-o completo, ainda que ao preço de, com tal manobra, manter-se alienada a ele” (Petri, 2007, p. 67).

Nesse momento, a criança começa a ter notícia da falta do Outro, mas esforça-se para não assumi-la por completo. Para Lacan, trata-se do momento da criança “escolher” ser ou não ser o falo, equivalente do significante paterno no plano imaginário. No entanto, os esforços desde pequeno ser em se colocar nesse lugar mítico de objeto do Desejo materno terão pouco sucesso e ele terá que se confrontar com a intervenção eficaz e efetiva do pai real, portador de uma proibição (Lacan, 1999, p. 193).

Trata-se do segundo tempo, da criança edípica, inserida na dialética da castração (Petri, 2007). Aqui, a falta aparece como fato e ao pai real é atribuída a função de suporte dessa constatação. No entanto, essa constatação só pode existir se, antes, a função simbólica do pai tiver se inscrito no desejo materno, dito de outro modo, se a mãe, atravessada pela castração, desejar o pai enquanto homem – aquele que tem aquilo que lhe falta. Nas palavras de Lacan: ‘... o pai se afirma em sua presença privadora como aquele que é o suporte da lei, e isso não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei’ (Lacan, 1999, p. 200). Aqui, a criança terá que renunciar ao gozo do ser, do corpo para deslizar no gozo do significante, da linguagem. Para Braunstein (2007), trata-se, portanto, da divisão do gozo em dois: “...o recusado e o que deve ser alcançado, e que estes não se separam senão pelo aparecimento de uma função que os divide, de uma tesoura ou gadanha que impõe o requisito de atravessar pelo funil da castração” (p.97).

O terceiro tempo, de acordo com Petri (2008), trata-se do tempo do sentido, de se compreender o que se passou e de constatar a insuficiência do Outro, tempo em que “... a criança faz a constatação de que o saber atribuído ao pai, a partir da operação de castração, não permite apreender o gozo da mãe (Petri, 2008, p. 73)”. Aqui a criança passa a incluir o social como substituto do Outro primordial, se aventurando nas descobertas e invenções da cultura e da civilização.

Essa breve apresentação do tortuoso itinerário do ser foi realizada para apontarmos que a constituição do sujeito psíquico exige vários tempos que deixarão marcas languageiras num corpo de puro gozo. O sujeito se afirmará como aquele que “abre mão” do gozo do corpo para gozar na palavra, no discurso e nas trocas sociais. Esse percurso, como apontamos, depende das inscrições do Outro primordial neste pequenino corpo. Mas e quando esse percurso não pode ser seguido? Quando encontramos pontos truncados que dificultam essa passagem? Brausntein (2007) nos responde:

“... há um gozo que insiste, um gozo maldito, aquém da palavra, um puro ser no ser, anterior à falha que se produz no ente por se dizer. Deste gozo incomunicável, que prescinde do Outro e se aloja em um corpo que escapa à simbolização, nos falamos, sem se dirigir a nós, os psicóticos” (p. 268).

Lacan (1988) nos aponta que a psicose é marcada pela inoperância da metáfora paterna como resultante da forclusão do Nome-do-pai, ou seja, a psicose é forjada pela não inscrição da falta que viabiliza o deslizamento da cadeia significante. O que é específico da psicose é, portanto, a forclusão do Nome-do-pai. Este mecanismo significa que a falta do Outro não pode ser simbolizada, inscrita no inconsciente banindo o sujeito das leis da linguagem (Rabinovitch, 2001). No entanto, essa expulsão do significante se dá no registro Simbólico e tem como saldo a tentativa daquilo que não foi simbolizado retornar no Real do corpo e do pensamento, na forma das alucinações e delírios (Lacan, 1988). Mas o que dizer das psicoses da infância, nas quais quase não há a presença de delírios e alucinações? O que temos de específico nesses quadros que apresentam sintomas intensos no corpo? Passaremos a tratar destas especificidades das psicoses da infância.

#### 4) Especificidades das psicoses da infância

Neste trabalho, apresentaremos duas peculiaridades das psicoses da infância. A primeira diz respeito ao fato da psicose na infância ser considerada uma estrutura em andamento já que a infância se define como o tempo da estruturação do sujeito. A segunda especificidade é que os fenômenos psicóticos mais comuns na infância (estereotípias motoras, auto e heteroagressividade) estão atrelados ao real do corpo.

Desse modo, consideramos que as psicoses infantis são estruturas ainda não decididas, ou seja, “numa proporção muito significativa, nas crianças psicóticas, a psicose é indecida” (Jerusalinsky, 2007). Bernardino (2006) aponta que considerar que a estrutura é não decidida na infância significa reconhecer os vários tempos de constituição do sujeito:

“Nos vários momentos em que se trata de passar de uma operação psíquica para outra – momento especular/ FortDa!/Édipo – em que as significações ficam caducas e se rompem, a criança fica em suspensão, mas ainda aberta ao que virá do Outro, para só se cristalizar em sintomas depressivos graves quando o vazio da falta de significante no Outro for absoluto, não intermediado por nenhum interlocutor” (Bernardino, 2006, p.3)

Aqui colocamos uma questão: dado o fato de a infância ser considerada um tempo de estruturação em andamento, poderíamos falar de uma forclusão definitiva do significante Nome-do-pai? Acreditamos que não, pois consideramos que a inscrição dos significantes primordiais não se dá num só tempo, mas em vários tempos. Nesse sentido, Lacan (1988) nos revela:

“O que lhes conto é também um mito, pois não creio de modo algum que haja em parte alguma um momento, uma etapa em que o sujeito adquire em primeiro lugar o significante primitivo, e que depois disso o jogo das significações é introduzido, e que depois disso ainda, significante e significado tendo se dado os braços, entremos no domínio do discurso” (p. 175).

A advertência de Lacan nos é clara: quando falamos do momento da inscrição da metáfora paterna estamos nos reportando a um momento mítico. Portanto, para considerarmos as psicoses na infância, teremos que compreender em que tempo se encontra a criança psicótica. Falaremos melhor disso ao retomarmos a história de Alice.

Por hora, faremos breves considerações acerca do corpo na psicose. Mas por que tratarmos do corpo? Por duas razões. Primeiro por considerarmos o corpo como o “mediador organizado entre o sujeito e o mundo” (Dolto, 1992, p. 10). Segundo, por Alice nos pedir que seguremos seu corpo, já que ela própria não consegue mais mantê-lo de pé. Mas de que corpo estamos falando? Respondemos junto com Nasio (2009):

“Não o corpo físico isolado dos outros, mas um corpo impregnado pela presença do outro, vibrante ao contato carnal, desejante e simbólico da mãe, de uma mãe que é também uma mulher desejante e desejada pelo pai da criança” (p.24).

Trata-se da imagem mental do corpo, ou seja, das representações psíquicas das sensações corporais que nos permitem ter a sensação de um *eu*. Cabe distinguir, portanto, duas dimensões destas representações: uma pré-consciente (esquema corporal) e outra inconsciente (imagem inconsciente do corpo). Utilizaremos a distinção formulada por Nasio (2009):

“... vamos definir o esquema corporal como a representação pré-consciente espacial e funcional do organismo, enquanto a imagem do corpo é uma representação inconsciente que revela o corpo em sua qualidade de substrato relacional entre o sujeito e o Outro, substrato relacional de linguagem, afetividade e erogenidade” (p.120).

Quando falamos em corpo tratamos, portanto, destas duas dimensões: do esquema corporal, do corpo que se movimenta, que se toca e se sente e da imagem inconsciente do corpo, esse encontro “linguageiro” entre o sujeito e o Outro. Dolto (1992) salienta que imagem do corpo e esquema corporal se inter cruzam, sendo que uma desordem da imagem inconsciente do corpo pode provocar perturbações significativas do esquema corporal. Aqui, temos um dos pontos que pretendemos apresentar neste trabalho: a psicose na infância como um “desarranjo” da imagem do corpo que afeta de forma passageira ou durável o esquema corporal.

Retomando a história de Alice, parece-nos que o desarranjo do seu corpo (esquema corporal) revela essa perturbação da imagem corporal, seu corpo cai, se desarticula, para mais tarde, quando algumas construções se tornarem possíveis, se reordenar. Hoje, Alice anda quase normalmente, o que fez com que os médicos ortopedistas que a acompanhavam ficassem sem saber o que fazer com uma prótese que haviam solicitado para colocar em suas pernas.

Outra leitura que formulamos é que os impasses encontrados por Alice parecem ser da ordem da inscrição dos significantes da falta (falo e nome-do-pai) e que tais impasses a situam, no primeiro momento em que a encontramos, aquém da operação de castração e, portanto, presa no gozo do corpo. No entanto, quando reencontramos Alice, apostamos na possibilidade da tentativa de algo se inscrever, pelo menos, é o que ela nos coloca quando solicita o “quarto de uma menininha”, seria essa uma tentativa de Alice de imaginarizar aquilo que ameaça se inscrever simbolicamente? Seria esse pedido de Alice o esboço de um desejo de se posicionar na partilha dos sexos? Por enquanto, apostamos no “pode ser” ou no pode vir a ser.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BERNARDINO, L. M. F. (org). *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. São Paulo: Escuta, 2006.

BRAUNSTEIN, N. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

LACAN, J. *O Seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NASIO, J.-D. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PETRI, R. *Psicanálise e infância: clínica com crianças*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud; São Paulo: FAPESP, 2008.

RABINOVITCH, S. *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.